

# ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000.— Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

Prevenimos aos srs. assignantes do ALBUM que só devem pagar as suas assignaturas á pessoa que lhes apresentar recibo de talão, impresso, numerado e firmado por H. Lombaerts & Comp.

## SUMMARIO

ANTONIO AZEREDO . . . . .	Amarante.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . .	A.
NOCTURNO . . . . .	Francisca Julia da Silva.
GOSO NÃO COBIÇADO . . . . .	Luiz Rosa.
FLOR MORTA. . . . .	Arthur Mendes.
FESTAS NACIONAES. . . . .	L. de M.
POMBA MANSA. . . . .	Adelino Fontoura.
MAL SEM CURA. . . . .	Placido Junior.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
TREATROS . . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do  
**CAPITÃO-TENENTE JOSÉ CARLOS DE CARVALHO**

## ANTONIO AZEREDO

Nasceu na cidade de Cuyabá, capital de Matto-Grosso, aos 22 de agosto de 1861. E' filho legitimo de Francisco Antonio de Azeredo e de D. Blandina Maria de Figueiredo. Veio para o Rio de Janeiro em Dezembro de 1880.

O mais dirá, no artigo que abaixo transcrevemos, um amigo de Antonio Azeredo, e seu collega na imprensa e no Congresso :

« D'entre os politicos da geração nova, que têm feito brilhante carreira, destaca-se, sem duvida, pelas suas qualidades pessoaes, e já notavel influencia entre os republicanos, o illustre moço, cujo

nome encima estas linhas. Poucos, bem poucos, em tão verdes annos, têm logrado occupar mais immittentes posições, manifestando, em todas ellas, o mais decidido amor á ideia republicana e a mais benefica influencia em toruar esse regimen apreciado e bemquisto pelo povo. »

Apenas com trinta annos de idade, Antonio Azeredo, no espinhoso cargo de primeiro secretario da Camara dos Deputados, tem revelado tão altas qualidades politicas, um tino tão fóra do vulgar, tanta moderação em seus actos, e tão puras intenções nas luctas em que se tem envolvido, que, se não fosse uma seisão bastante accentuada na Camara, entre governistas e opposicionistas, elle seria o candidato dos dous lados, voltando a occupar o seu posto de primeiro secretario... por unanimidade.

E haveria boas razões para assim proceder, pois nas principaes questões do nosso paiz, como a Abolição e a Republica, em todas desempenhou brilhante papel, creando um nome laureado e sabendo cercar-se da estima e da consideração de todos os seus companheiros de luctas e de victorias.

No periodo mais ardente da propaganda abolicionista, Antonio Azeredo, que então teria as suas 22 primaveras, frequentava a Escola Militar e fazia parte de um Club Abolicionista que alli existia, e que prestou grandes serviços á nobre causa. A *Gazeta da Tarde*, que então dirigia o movimento, tinha-o como um dos seus mais activos colaboradores, e quer lá, quer nos *clubs* e nos *meetings* que frequentemente se realisavam, Antonio Azeredo era um dos mais decididos e entusiastas companheiros de trabalhos. Realisando-se em 15 de Março de 1884 a abolição no Ceará, e sendo esse facto motivo de grandes festas, aqui, entendeu a Confederação Abolicionista solemnisa-lo, com uma grande sessão, á qual compareceriam, com seus estandartes, todas as associações da Capital. Fazendo parte da Escola Militar, Antonio Azeredo e outros companheiros tinham-se comprometido a virem com o estandarte da Escola, abrilhantar a festa. Sabendo d'isto, o governo impedio a Escola, obrigando o nosso amigo e mais dous companheiros, para cumprirem a promessa feita, a pularem

de noite os muros da Escola, trazendo para a festa o estandarte desejado. O facto era de extraordinario arrojo, causando surpresa e jubilo a todos os abolicionistas, porém não consentiram elles que o estandarte apparecesse em publico, pelo compromisso que isso traria aos heroicos moços, que assim sacrificavam o seu futuro em prol de uma grande ideia.

Apesar, todavia, da reserva havida, o facto foi conhecido e a situação dos intrepidos moços tornou-se muito difficil na Escola. Para evitar maiores desgostos, Antonio Azeredo abandonou esse curso, matriculando-se na Escola Polytechnica, que frequentou durante algum tempo.

Mas a imprensa e a magnitude das causas que ahi se debatiam tentavam-n'o sempre, e assim, apoz um curto intervallo, começou elle a collaborar de novo, activamente, na *Gazeta da Tarde*. Como a ideia republicana ganhasse terreno, Antonio Azeredo dedicou-se a ella, prestando-lhe não pequenos serviços.

Pouco depois, circulando o boato de que o *Diario de Noticias* ia ser vendido, Antonio Azeredo tão acertados passos deu, que conseguiu adquirir a propriedade d'esse importante organ, pela quantia de 16 contos de réis, entrando n'essa combinação o seu amigo Luiz de Andrade, que o auxiliou bastante. Adquirido o jornal, ou antes mesmo de adquiril-o, foi a redacção do mesmo offerecida ao Dr. Ruy Barbosa, e data d'ahi essa propaganda ingente em favor da Republica e que trouxe o *Diario de Noticias* nas mãos de todos os politicos durante um longo periodo.

Proclamada a Republica, e nomeado o Dr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda, no dia 16 de Novembro, Antonio Azeredo acompanhou-o ás diversas repartições, correndo ao seu lado todos os perigos e incertezas do novo estado de coisas.

Eleito deputado por Matto-Grosso, sua terra natal, tomou parte na discussão da Constituição, e muito contribuiu pelos seus esforços e real influencia, no seio d'aquella notavel assembleia, para que ella não se anarchisasse.

Sobrevindo o golpe de estado de 3 de Novembro, Antonio Azeredo foi um dos coripeus da resistencia, e, ao lado de Custodio de Mello e tantos outros, deu impulso vigoroso á ideia da restauração da legalidade.

Intimo amigo do marechal Floriano, que fôra commandante das armas durante quatro annos em Matto-Grosso, e com quem travára as melhores relações, teve a felicidade de ver o seu illustre amigo na presidencia da Republica, e ahi o tem auxiliado com a mais devotada dedicação.

Sabendo conservar as suas amizades, atravez das mais asperas luctas politicas, Antonio Azeredo, que conta dedicados amigos entre a opposição, muito e muito contribuiu para o applacamento das paixões, e muitos dos implicados na terrivel questão do estado de sitio, lhe devem benefica intervenção, quer

para desfazer intrigas e perseguições, quer para impedir represalias da parte dos que foram victimas d'essas crueldades.

Na vida publica, elle é exemplo do que podem a seriedade unida ás boas intenções, creando-lhe uma grande pleiade de dedicações e amizades; na vida privada, no seu modesto lar, é um encanto vel-o no seio da familia, entre a esposa que o estremece e a gentil Nair, sua filhinha, que lhe amenizam as horas amargas e os desgostos em que a politica é fertil.

Poucos moços se têm elevado a tão alta posição, conservando intactos os dotes de espirito, o amor ás boas causas e a paixão pelo engrandecimento da Republica.

Occupando lugar saliente entre os republicanos historicos, todo o seu empenho tem sido empregado em obter uma conciliação entre os bons elementos que sustentam a Republica.

Indicado para a pasta do exterior, pelos seus amigos politicos e mesmo pela opposição, desviou de si, com a mais nobre isenção, essa pesada honra, allegando que na Camara prestava melhores serviços ao governo.

Taes são, em rapidos traços, os principaes factos da vida do illustre e joven politico, a quem a Patria brasileira já deve assignalados serviços. »

AMARANTE.

## CHRONICA FLUMINENSE

Foi transferido o espectáculo anunciado para hontem, sexta-feira, no Sant'Anna, em beneficio do barytono Pollero, e no qual deveria ser cantado o 2º acto do *Falstaff*, instrumentado pelo maestro Cavalier.

Espero em Deus que essa transferencia fosse definitiva, e não passemos pelo desgosto de ver o trabalho do divino Verdi tratado como uma reles opereta anonyma.

O que me dóe é que pelos factos d'essa ordem, praticados por individuos inconscientes ou flegmaticos, o estrangeiro responsabilise a nossa terra. Sobre todos os brasileiros recahiria o ridiculo d'esse *Falstaff* mutilado, e penosamente expectorado entre dous actos do *Rapaz de saias* ou da *Rosa de diamantes*.

Por isso, bom é que se saiba lá fôra ter havido no Rio de Janeiro jornalistas que se levantaram contra o annuncio, ou antes, a ameaça de semelhante sacrilegio artistico,—jornalistas que tudo farão, mesmo fôra do terreno abstracto da imprensa, para impedir que o nefando attentado se consumma.

\*

O Sr. Eduardo de Sá, pintor brasileiro, tão modesto quão talentoso, imaginou um quadro repre-

sentando Tiradentes no momento em que, depois de ouvir a confirmação da sentença que o matou, felicita os seus cúmplices e companheiros de cadeia por terem sido commutadas as suas respectivas penas.

D'este quadro fez o artista um interessante esboço, que mandou expor na Galeria Moncada, e em seguida apellou publicamente para os patriotas, solicitando os recursos necessários á execução do seu trabalho.

O pintor precisa de nove contos de réis, e promete dentro de tres annos concluir o quadro, que terá quatro metros de altura por sete de comprimento.

Receio desanimar a um artista sympathico e honesto como o Sr. Eduardo de Sá; mas creio que elle está profundamente illudido acerca do nosso patriotismo. Se o Sr. Sá espera que o publico lhe leve espontaneamente os nove contos indispensaveis para a execução do seu quadro, é de presumir que a sagrada memoria do Tiradentes jamais receba a consagração do seu pincel.

Tudo se arranjará, se um grupo de cidadãos conspícuos andar de porta em porta, de amigo em amigo, de conhecido em conhecido, angariando esportulas sob a condição de serem no dia seguinte publicados os nomes dos respectivos subscriptores.

O melhor, entretanto, será recorrer ao Governo, que deve auxiliar a *Confirmação da sentença*, de Eduardo de Sá, do mesmo modo por que auxiliou a *Epopeia africana*, de Decio Villares.

A.

## NOCTURNO

Peza o silencio sobre a terra. Por extenso  
Caminho, passo a passo, o prestito funereo  
Se arrasta em direcção ao negro cemiterio.  
A' frente, um vulto agita a caçoula de incenso.

E o prestito caminha. Os cantos do psalterio  
Se ouvem. O morto vae n'uma rede suspenso.  
Uma mulher enxuga as lagrimas ao lenço.  
Chora no ar o rumor de um mysticismo aereo.

Uma ave canta. O vento acorda. A ampla mortalha  
Da noite se illumina ao resplendor da lua...  
Uma estrige soluça. A folhagem farfalha.

E enquanto paira no ar esse rumor das calmas  
Noites, acima d'elle, em silencio, fluctua  
O Lansperenne mudo e supplice das almas...

FRANCISCA JÚLIA DA SILVA.

## GOSO NÃO COBIÇADO

A ARTHUR AZEVEDO

— Pela extensão das rutilas campinas ninhos não cantam mais nos floreatos ramos, e, se alguma ave abre as azas de luz neste silencio, é para fugir da tristeza, é para voar da saudade! Mas porque estão as leiras sem ninhos e as moitas sem rosas? Porque ahi vêm os dias ennevoados e tristes, peneirando tristeza, espalhando saudade... Ah! quando passei, ha pouco, lá em baixo, nos prados ermos, os ninhos abandonados, suspensos dos ramos frageis, appareceram ao meu olhar curioso como um bando de harpas saudosas a que tivessem arrancado uma a uma todas as tenuissimas, tremulas cordas flexiveis de ouro!

Isto dizia eu hontem a Nevoa num delicioso *tête-en-tête*, na sua alcova elegante e azul como um pedaço de céu de verão limpido e sereno, — ella recostada languidamente no divan, — eu ajoelhado no tapete felpudo de pelles de urso onde ella escondêra os microscopicos pés de fidalga chinesa.

E, como presentisse a causa do meu pezar, a causa da minha magoa, Nevoa disse:

— Falla.

E, eu repeti, tremulo de goso, pallido de receio:

— As leiras estão sem rosas os ninhos estão sem azas porque a estação do ouro e da luz partio, foi-se a primavera, a noiva eterna do eterno sol. Ouve, pois: peza-me a grande dor de não ver mais risos! E eu não posso viver sem o perfume das moitas, sem o concerto dos ramos... Como um vassallo aos pés de uma princeza, aqui estou eu para implorar-te uma graça!

Nevoa accenou que sim.

E eu disse:

— A primavera, a outra, a tua irman celeste, partio porque sentio saudades do céu donde ella veio... mas, tu, tu és a etherea primavera da graça, a primavera eterna da minha vida. Teu corpo é um pomar rescendente, repleto de pomos virgens, de um perfume subtil; a tua carne, alva como os linhos frescos, floresce como um lyrial, rescende como um pomar... Olha, em falta das rosas das leiras, quero as rosas virgens das tuas faces...

— Concedo.

— Agora, quero a polpa *fraise* da tua boca humida como uma papoula rubra...

— E' tua a popoula da minha boca, como são tuas as rosas da minha face.

— Os lyrios dos teus pés, agora, como dous passaros brancos, como dous pombos gemeos...

— São teus os lyrios dos meus pés.

— ... as tulipas dos teus olhos, as camélias das tuas mãos, o aroma da tua carne, o sandalo da tua pelle...

— Tudo te pertence, até mesmo as flores do coração, os sonhos, as illusões, as flores da minha alma...

— Ora bem, ora ainda bem ! disse eu, erguendo-me.

— Mas...

— Mas...

Não sei porque ha sempre um *mas* nas historias de amor!

— ... com a condição de que não has de tocar nessas flores e nesses pomos senão no dia em que aprenderes a eantar, como eu tambem, a doce Canção do Hymineu!

*Canção do Hymineu!* Sim, a deliciosa canção que se aprende uma vez para não mais se esquecer na vida!

— Prometto, murmurei apenas.

Foi tal a expressão de profunda melancolia que se estampou no meu semblante pallido, que Nevoa, levantando-se por sua vez, veio para mim, abrindo as azas. E disse a meia voz, como um rouxinol amoroso que ensaiasse o canto na meia luz da manhan :

— Vens de eommetter um vicio imperdoavel até mesmo no amor : a cobiça. A eobiça que eu detesto e aborreço ! Mas vaes pagal-o earo, meu amigo. Ainda uma vez te digo que é teu, todo teu o floreal da minha earne, o pomar reseendente do meu corpo, mas as flores d'esse rosal, os fructos d'esse pomar, não sentirão o fremito dos teus labios, o ealor da tua boea, senão...

E, como lhe implorasse eom o olhar, e o rosto se me tornasse mais triste.

— Mas d'aqui até lá— e fitava-me risonha, e falava eom uma suavissima eintonação na voz de passaro meigo — d'aqui até lá, para mostrar-te o quanto soffro quando estás triste e me alegre quando és feliz, vou dar-te a beijar, pela primeira vez, as duas magnolias mais raras que este formoso eeo eobre, e que esse sol de primavera, que se foi, eolorio e aromou...

— Duas magnolias!..

— Sim, que trago sempre aqui, sobre o peito, ouvindo o tie-tae apressado do meu eoração de virgem.

E desatava o eorpete azul ; depois, atravez às rendas da eamisa branea de linho, divulguei, tumidos, braneos, com uns roseos tons na epiderme fresea, dous pomos como dous fruetos de um pomar, certamente mais lindos do que esses que o forinoso céu de abril eobre, e o sol de maio, brilhante e tepido, eolora e aroma !

— Os teus seios ! murmurei tremulo de goso, mas, são dous fruetos do mesmo pomar do teu eorpo, duas flores do mesmo jardim da tua earne !

— Sim, mas has de eonvir, amigo, que foram as unieas flores, os unicos pomos que não eobiçaste... E por isso mesmo t'os dou. Vamos lá ; beija-ós á vontade, e sobretudo aspira-lhes bem o perfume, sente-lhes bem a maciez velutina, para que os tomes para motivo principleal da tua *Canção do Hymineu!*

E isto dizendo, abrio por ultimo a eamisa alva— e deu-me a beijar pela primeira vez os dous seios virgens, eomo um gemeo easal de garças pennugen-

tas, ou, como bem dissera Nevoa— duas magnolias gentis, mas duas magnolias de olentes petalas claras, com dous morangos maduros nos roseos bicos.

LUIZ ROSA.

## FLOR MORTA

As flores todas jogadas  
Sobre a sua sepultura,  
Fallam d'ella consternadas,  
D'essa doce creatura.

Por sobre a lousa da pobre  
Estendeu piedosa mão  
Esse epitaphio que a cobre:  
— As flores que nella estão.

Se a santa no mundo a vida  
De flores teve por sorte,  
Agora em sua jazida  
De flores lhe surge a morte.

Ha casos que não se sabe  
Como os entendem os céos !  
Talvez nem tydo se acabe  
Num beijo de ultimo adeus.

Na terra que nos consome  
Talvez não morra o sorriso  
D'essa mulher cujo nome  
Feito de flores diviso.

Quem sabe se ella não ouve  
Um pequenino rumor  
Que a faça sorrir, que louve,  
Das folhas de alguma flor?

Foi ella flor para as flores,  
Que de rosas escutaram  
Phrases e phrases de amores  
De que seus labios fallaram!

Agora a triste dormindo  
Tem flores — suas irmans —  
Sua lapida cobrindo  
Por esplendentes manhans.

Quando eu volvo olhos tristonhos  
A' sua nova morada,  
Recordo — saudosos sonhos! —  
Que ella já foi minha amada.

Mas embalde aquelle nome  
Que tantas vezes chamei,  
De novo chamo e se some...  
No céu? Na terra? Não sei.

Ouçõ apenas — sorte inversa! —  
N'estas paragens, pungente  
De flores uma conversa  
Que trata d'essa innocente.

ARTHUR MENDES.



ANTONIO AZEREDO



## FESTAS NACIONAES

Rodrigo Octavio, um bello talento já realçado por boa cópia de conhecimentos, contribuiu para a commemoração do 21 de Abril ultimo com a publicação de um livro intitulado *Festas Nacionaes*, magnificamente impresso nas officinas Leuzinger, com uma introdução de Raul Pompeia, e tendo como editores os Srs. Briguiet & C., da Livraria Internacional.

Presta o joven escriptor republicanobom serviço á causadas instituições democraticas, fundamentando em um livro, escripto com vigor e enthusiasmo, o bem inspirado Decreto, do Governo Provisorio, de 14 de Janeiro de 1890. Acreditamos, como Michelet, que as grandes festas populares são optimo processo de educação do sentimento civico. Tornar-lhes pois, bcn conhecida a significação e alcance é trabalho dos mais meritorios.

Simplesmente, preferiamos que na dedicatória se substituisse a « infancia » á « mocidade brasileira », pois fazemos aos nossos jovens concidadãos a justiça de crer que não ignoram « a significação dos dias que a Republica manda guardar ».

Um ou outro descuido de fórma diminue o valor da composição, mas é amplamente compensado por paginas e paginas de alevantado civismo e de verdadeira eloquencia. E o melhor é que o colorido vigoroso e quente não prejudica a exactidão do desenho, a rigorosa verdade da narração historica, segundo os ultimos documentos.

Brilhante é o prefacio de Raul Pompeia, cuja penna primorosa tem acostumado mal os leitores, mas ainda desta vez não lhes illude a expectativa.

O ardente patriota, a quem na intimidade já alcunhámos o nosso Paul Déroulède, o fundador da Liga dos Patriotas, bem póde ser, entre nós, o creador de semelhante partido, a que os veneradores das tradições, quasquer que sejam, poderão chamar jacobino e iconoclasta, mas que temos como necessario á nossa vida nova de povo livre, autonomo, inteiramente senhor de si, de sua terra e de seus destinos.

Comprimntamos os dous distinctos confrades

L. DE M.

## POMBA MANSA

Quando meu labio tremulo te oscula  
 Á pequenina mão delgada e fina,  
 Como uma pomba tímida que arrula,  
 Minha vida, mal sabes! canta e pula  
 Na rosea palma d'essa mão divina.

ADELINO FONTOURA.

## MAL SEM CURA

A ALUIZIO AZEVEDO

A tísica! A tísica! Essa doença simbolicamente dolorosa e triste, que devasta os lares como os constantes invernos devastam as searas.

CRUZ E SOUSA, *Missal*.

O relógio grande badalava onse horas. Noite por toda a parte, agourentas corujas piavam com lugubres concertos, varando o ar de uma tristeza pesada. Corria pelo espaço a nostalgia do medo. A terra, n'um murmurar constante de cícios de floresta, tinha como a nota plangente de uma grande dor, que andasse vadia á procura de quem a acolhesse.

Era a hora mais triste para o Romualdo.

Durante o dia era menor o tormento, — enganava-se com a alegria dos outros, com o latejar scintillante da luz, que soprava alento; mas áquella hora, áquella hora morta da noite, como que se sentia o mais isolado dos homens, — um enterrado vivo, entre as quatro paredes frias de um quarto de hotel.

Dominava-o a preocupação constante da morte; sentia proximo o toque do rebate, a hora fatal do aniquilamento eterno.

Pensava. — Para que tanto cuidado, para que desperdiçar ainda uns contos da herança, se o mal era sem cura, se o medico todos os dias franzia o sobr'olho ao encaral-o mais pallido, mais macerado, se a doença o corroia fibra por fibra, n'um avassalamento indomavel de fera que se não sacia? Já estava cançado. Já não supportava a vida errante que ha dous annos iniciára para conquistar mais alguns dias de soffrimento.

— Que enfadonhos os hoteis e as casas de saude, para onde atirava a sua carcassa viva, de envolta com o murchar das suas esperanças!... Dormir sob o mesmo tecto de tantos outros que lhe não podiam ter affecto, e cujas relações não passavam de palavras baloufas de conforto, lhe parecia horroroso.

Sentia necessidade urgente de deixar aquella casa; mas a doença avançava, enfraquecia o, e o medico não consentia que arrastasse para mais longe o seu pesado fardo de soffrimento.

E aquella hora tardia da noite era para o pobre moço tísico de uma tristeza tão grande, de uma melancolia tão avassaladora, que muitas vezes, no seu leito, entre uma hemoptyse e uma recordação de amor, blasphemava irado; os olhos injectados, a boca aberta e espumosa, n'uma contracção horrenda, como se, dominado por uma dor incomprehenivel, endoidecesse de subito.

\*

A Consuelo habitava o aposento proximo ao do Romualdo.

Sabia-o doente e rico. Tinha vinte e dous annos como todas as cocottes, e labios vermelhos como todas as mulheres de espirito.

Irreprehensivel. Alterosa como uma palmeira, olhar sensual e negro como um rutilar de onix, boca aromada a sandalo, dentes alvissimos. Um traço dominava-a: — a linha aristocata do perfil soberbo, de um aspecto alegre de figura de chromo.

Habitudara-se a ver o doente. Todos os dias, antes de fazer o passeio pelo parque, a Consuelo fallava ao Romualdo, com a sonancia de sua pronuncia hespanhola, que o encantava como uma seguidilha.

Sempre tinha para elle uma phrase singela: encontrava-o mais bem disposto, mais outro. Na vespera achara-o mais abatido; animava-o sempre com meiguice. E por uma manhan, tal foi o seu espanto, taes elogios fez ao seu bom aspecto, que o Romualdo sentio-se bom por meia hora.

Amaram-se.

A Consuelo perdeu-se pelo Romualdo.

Dominava-a aquelle olhar de tísico, por onde sentia a vibração de uma alma cheia ainda das impetuosidades ferozes do amor.

Via n'aquelle scintillar morbido dos olhares do moço todo um mundo novo de volupia e de desejos, que ella não conhecia.

E a pallidez diaphana d'aquelle busto magro e incisivo, as suas maneiras leaes, o sibilar quasi mysterioso das suas palavras, arrastaram a hespanhola á conquista caprichosa de um novo ideal, ao avassalamento de uma organização pelo goso raro de escrever o epilogo d'aquelle romance de vinte e cinco annos.

Amaram-se como loucos.

Consuelo, com o seu vivo sangue de hespanhola, ardente e explosivo, roubava alargos haustos o soro de vida que ainda germinava no amante.

E elle, como se adivinhasse que em breve se separaria d'ella, gosava-a com a ancia brutal de um insaciado, mordendo-a, sugando-lhe o sangue.

O medico percebia os seus desregramentos.

— Que não continuasse, disse, que tivesse mais cuidado comsigo, para poder prolongar a vida por mais tempo, annos talvez.

Não era possivel. Infructiferos foram esses conselhos. O Romualdo, quanto mais pensava no seu estado, mais estreitava nos braços descarnados o corpo liryal da Consuelo, morno, de uma lascivia estonteante, mais embriagador do que os vinhos espumosos, aromado da essencia imperceptivel que dorme nos corpos sitinosos das mulheres lindas!

\*

De uma vez em que seguidas hemoptyses o prostraram no leito, com os olhos encovados em dous circulos violaceos profundos, febril, pediu que chamassem a Consuelo.

Antes que ella apparecesse, já a estava vendo, já tinham posto seus labios nos d'ella, num delirio de febre, uns beijos quentes de volupia.

Monologava, como se fallasse á amante, a sós no quarto, com estremecimentos nervosos, levantando por vezes os braços brancos e finos, tentando apoderar-se d'aquelle corpo farto, cheio de viço, contornado e sem defeito, ultima reliquia do seu amor, ultimo ninho do seu beijo.

E fallava, blasphemava, tossindo, rouco, as feições desvairadas, o olhar esgazeado, a revolver-se sem ar no leito, como asphixiado.

N'um esforço, gritava pela amante; depois, segredando, dizia-lhe palavras de amor, de muito amor. Baluciava por vezes, como se lhe fallasse ao ouvido, ternamente, numa postura de namorado poeta, e assim, com blandicias arrastadoras, pedia-lhe a boca, a urna aromada do seu beijo.

Um abatimento prostrou-o. Arquejava. Bagas de suor rolavam-lhe pelo rosto, pelo peito descarnado, como gottas vivas de cristal na brancura de uma estatua.

Fechou os olhos; num estremecimento tossio e uma golphada de sangue manchou o lenço branco. Consuelo chegou nesse momento.

Tomou-o com carinho, disse umas desculpas pela demora; estava arranjando as malas, ia partir.

Depois, como arrependida, — Sim, a viagem era curta, dous dias apenas; havia de dizer-lhe, era incapaz de sahir sem despedir-se.

Romualdo fitou-a indifferente.

Pelos seus olhos sem luz, sem mais aquelle fogo de outr'ora, passou nesse momento uma irradiação. Cravou-os na mulher, procurando-lhe os pensamentos, até que, cheias por duas grossas lagrimas, as retinas se annuviaram de uma cõr de opala branca, de uma scintillação de cristal.

Dentro d'aquellas lagrimas quanta dor latejava; quanto diriam ellas de amargura e de soffrer se fallassem!

Tristes as lagrimas de um moribundo!

Então, o Romualdo affagou-a, indagou quanto se demorava, sim, porque ficava só, e com tanta saudade... tanta...

E depois, num esforço, ao seu ouvido: — Olha, sei que não tornarei a ver-te; quando voltares, no meu labio frio não mais cantará o palpitante amor que te consagro. Ouve, Consuelo, vou morrer. Tu és o meu ultimo amor, a ultima boca que beijo, o ultimo sangue que ouço cantar. Da vida poucas saudades levo para o tumulo, e, se alguma floresce mais do que todas as outras, é de certo a grande saudade do teu beijo. Escuta, vaes matar-me. Vou morrer nos teus braços, envenenado pelo teu labio...

E levantou-se, cadaverico, frio, branco como o jaspe.

A amante afastou-o; que não, que descansasse, estava tão abatido, que loucura, ella ficava mais uns dias; e acalmava-o.

O moribundo não attendia.

Com os dentes rangendo, gritou como um doido, rouco:

— Nua, Consuelo, quero te ver nua!...

E, esbravejando como uma fera, num ultimo esforço, hediondamente cadaverico, arrancou-lhe as vestes, rasgando-as, espatifando-as.

A amante, amedrontada, suppondo-o louco, tal era o seu aspecto, deixou-se levar, tranzida, tiritando.

O tísico tomou-a nos braços gelados, cobrio-a de beijos, arquejando, a tremer, e quasi desfallecendo.

Depois, murmurando umas coisas incompreensíveis, aprehendeu-a mais, mordendo-a, escabujando, gritando como um allucinado, impotente para vencer a insuperavel barreira de um derradeiro esforço do seu organismo, numa derradeira vibração do seu sangue.

Um pavor pezado andava pelo aposento.

O blasphemar do tísico, as suas risadas nervozas, de louco, no leito, agarrado á Consuelo, lembrava o aspecto desolador de um grande crime em que elle fosse o algoz feroz, insaciavel.

Era horrivel!

Um grito reboou no aposento. A Consuelo, sem sentidos, nua, sobre o leito banhado em sangue, era como um corpo branco de estatua, posto numa enorme caixa de velludo vermelho.

E o Romualdo, no engolpamento de uma enorme hemoptyse, ampla, do seu sangue todo, debruçado á borda do leito, gemia e arquejava; o rosto num esgare medonho de epileptico, vazio o olhar, pallido o corpo, sentindo esvair-se aos poucos de enfraquecimento em enfraquecimento, até que o coração gelado marcou o ultimo instante.

Pelo aposento silencioso pesou então a nostalgica tristeza da morte.

E quando tornou a si a Consuelo, os cabellos revoltos, nua, manchada de sangue, a cabeça pesando, aterrorisada, varada de saudade, fitou aquelle corpo inerte de moço; a boca aberta como uma chaga, olhos arregalados, e por sobre todo elle a rigidez pavorosa do inanimado.

PLACIDO JUNIOR.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

### VI

(Continuação)

Lucio irrompeu num turbilhão de phrases que Dolores como que sorvia, offegante, erguida a meio, com os punhos apoiados fortemente no leito, e com os olhos desmedidamente rasgados e a girarem-lhe nas orbitas. O todo d'esta mulher denunciava a natureza nervosa dos impressionistas. Pela fronte borrifavam as primeiras gottas de um calor suffocante.

Quando o medico suspendeu a respiração e a phrase, Dolores fez um esforço de energia, alçou a mão direita como a pedir silencio.

— E' falso! Sim, é falso tudo quanto me diz. Se não ama Carmen, ama outra mulher. Diga-me como se chama; quem é; se é formosa; se é moça; se o ama tambem! Sim, porque a mulher é por natureza vaidosa e ingrata. Escute-me, Lucio, interessa-me o que lhe estou dizendo. Tenha-me em conta de sua primeira amiga. Queria vel-o feliz, amado e correspondido. Não posso crer no seu indifferentismo. Lê-se-lhe na physionomia a expansão da alma; prevê-se no seu sorriso o desenfreio de grandes paixões; os seus olhares têm a penetração das luzes vivas, d'essas que cegam os que ousam encaral-as. Não se torture dando-se á representação de uma comedia em que não posso crer. Ouça-me: nunca lhe negaria a mão de minha filha se a amasse, nem posso crer que haja uma só mãe que procedesse de tal modo. Lucio, a mocidade, hoje, já não trata de amar, digere! Antigamente cantava serenatas ás enamoradas.

— Hoje — interrompeu o moço — os Carlos de Monselet cantam estrophes ás *omelettes*! E' a pura verdade, e eu... como medico...

— Em Montevideo ninguem lhe recusaria uma filha. Entretanto... amo-o... como se fôra filho meu. Quero-lhe com extremo! Via-o passar por essas ruas, elegante, altivo e nobre; chamei por vezes a atenção de Carmen; apontava-o, dizendo: alli vae um teu compatriota; a mulher que o tiver por marido, póde gabar-se de um thesouro que encontrou. Carmen foi sempre indifferente. Outro tanto não se deu comsigo, mas... seja como for... preferia vel-o casado com Carmen.

— Nesse caso...

— Não me interrompa! Sim, preferia-o casado com minha filha. Convenci-me, porém, de que não seriam felizes. Repito: não seriam felizes. Carmen, tão cedo, não comprehenderá o que seja amor; depois...

E nisto, Dolores, como que tomada de impulso febril, hysterico, passou ligeiramente as mãos pela fronte, alisou o cabello que lhe corria pelas espaldas e tomou convulsivamente do pulso do interlocutor.

— Ouça-me... e fallemos baixo: o senhor, Lucio, acredita possivel a felicidade de dous entes que se amam, sem se unirem por laços matrimoniaes?...

— E' a aspiração de uma natureza mais nobre do que essas... vulgares. E', como diz Comte, fazer da mulher um exemplo e respeito-o.

Dolores estava bem longe de saber quem era o *caballero* Comte ao qual se referira Lucio, mas, como se diz vulgarmente, não quiz dar o braço a torcer, e limitou-se a obtemperar:

— Bem! De accordo... mas... comprehende a felicidade de uma mulher moça e crente, ligada a uma existencia esteril, como uma flor aprisionada entre rochedos e batida pela respiração mortifera de um mar?

— Em caso semelhante, a virtude da mulher é um tabernaculo. O mundo lhe dirá: és martyr, e a consciencia lhe segredará: és esposa, não és adúltera. O applauso da consciencia é a maior das recompensas!...

Foi neste momento que á pallidez de Dolores succedeu um rubor pronunciado. Aquellas palavras, embora proferidas pelo joven medico em tom singelo e de benevolencia, lhe traspassaram, como lamina aguda, o coração em sobresalto.

— E' uma indirecta? pensou comsigo e disfarçando com um gesto a má impressão que recebêra.

Lucio não estava alli para se dar a um estudo psychologico. Passou-lhe, pois, despercebida a perturbação da sua *doente*.

Queria defender-se; queria capacital-a de que não eram fundadas as suspeitas de um amor que verdadeiramente nutria por Carmen, mas cuja conveniencia era tel-o por ignorado d'essa mulher. Não se a achava bem. Presentia em todas asphrases que ouvia um perigo do qual não saberia defender-se senão a muito custo.

Por isso hesitou em dar prompto seguimento á conversa.

Depois, como quem interrompêra a phrase para respirar a grandes sorvos o ar abafado do quarto:

— Sim, Dolores — continuou — amores ha e sublimes! Esses são os capazes de purificar as almas, de ha muito sujeitas a um meio abafadiço e impregnado de um deleterismo que mata. Para sentil-os é necessaria a rehabilitação da consciencia, é preciso que a energia individual tenha forças bastantes para suffocar impulsos da natureza physica. Para tanto, porém, é absoluta a necessidade de ser moço, e que aos olhos se não apresente o mundo sob aspecto hediondo. E preciso encarar a grande luz e evitar as trevas. Em summa, não pôde haver aspiração nobre sem amor definitivamente bom e purificado. Além d'estes, ha os amores criminosos. Para o homem, são de modo diverso do que os que sentem as mulh-res que renegaram a religião do dever, a religião da honestidade. O amor d'essas mulheres alimenta-se do escandalo e trabalha nas trevas. Não tem a florescencia altiva do primeiro; vegeta ordinariamente nos charcos do adulterio.

— E não ha casos excepcionaes em que a mulher casada possa amar com o mesmo entusiasmo da solteira?

— Não sem que se lhe siga a impureza. Se á existencia avelhantada de um individuo se prende a mocidade vigorosa de uma mulher, pôde dar-se o caso da renascimento de um amor, cujo alvo é um homem na mesma equivalencia de juventude. Sendo assim, a educação moral servirá de freio aos transportes de um individuo. Ante a emoção levanta-se o compromisso sagrado, jurado pela esposa. A cada pulsação d'esse amor corresponde uma cicatriz na familia. A mulher casada não pôde respirar no ambiente estranho ao domicilio conjugal. Se essa esposa tivesse uma filha educada sob

os principios são da honestidade, e se dêsse á escola das criminosas ridiculas, seria duas vezes indigna: maculava o nome da familia e representava o papel d'esses grandes vegetaes sob os quaes definha a planta melindrosa que junto d'elles brotou.

— E se essa mulher lhe dissesse, um dia, Lucio, que o amava, e com todo o respeito, honrando a familia, se não pudesse furtar a esse amor, que lhe responderia á confissão franca, espontanea, sincera?

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## THEATROS

Os hespanhóes do Polytheama e os da Phenix andam a brigar, tratando cada qual de variar os seus espectaculos, embora sem novidades que possam chamar devêras a attenção do publico. Este, que não dá o cavaquinho pelas brigas, deixa-se ficar em casa, e não apparece na rua do Lavradio nem na da Ajuda. Demais, estamos fartos de zarzuelas... Venha outra coisa!...

\*

No Apollo voltou á scena a peça phantastica o *Filho do Averno*, e o Sant'Anna fez *reprise* das *Mil e uma noites*.

\*

A reputada actriz portugueza Emilia Adelaide, que ha muito tempo vive inteiramente afastada da scena, reapareceu esta semana, só por uma noite, no S. Pedro, recitando a *Judia* n'um espectaculo em beneficio do Lyceu de Artes e Officios.

\*

O grupo de artistas que trabalha no S. Pedro, annuncia para hoje um drama de Dennery, intitulado o *Pescador de baleias*.

X. Y. Z.

No segundo verso da segunda estrophe da *Parabola*, do Padre Corrêa de Almeida, publicada no n. 16 do *Album*, pag. 127, leia-se *regadia* em vez de *regalia*.